

Alain Badiou e Barbara Cassin

NÃO HÁ RELAÇÃO SEXUAL

Duas lições sobre “O aturdido” de Lacan

Tradução:

Claudia Berliner

Revisão técnica:

Felipe Castelo Branco

*Programa de Pós-graduação em Psicanálise,
Instituto de Psicologia/Uerj*

De todos os textos de Lacan, “O aturdito”, publicado em 1973 no número 4 da revista *Scilicet* e reeditado em 2001 pela editora Seuil no volume *Autres écrits*,* é geralmente tido por um dos mais obscuros, o que não é pouco, conhecendo-se a reputação de gongorismo que seu autor carrega há tempos.

Acontece que esse texto sintetiza muitos dos aspectos mais importantes, mas também, de fato, mais difíceis ou mais paradoxais do pensamento de Lacan, tal como se estabelecia de forma decisiva naquele começo da década de 1970. Lembremos que o Seminário do ano letivo de 1972-73, intitulado *Mais, ainda*, é aquele em que abundam as doutrinas e as fórmulas que conferiram, então, prestígio a Lacan: a teoria dos quatro discursos (o Mestre, a Histórica, o Universitário e o Analista), “o amor é o que vem em suplência à ausência da relação sexual”, “a mulher não existe”, “a linguagem é uma elucubração de saber sobre lalíngua” etc.

Todos esses temas e alguns outros encontram-se de forma extremamente compacta em “O aturdito”. Portanto, não se trata, absolutamente, de propor comentários exaus-

* J. Lacan, *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2003. (N.T.)

tivos acerca desse texto, nem de acrescentar alguma interpretação às inúmeras já feitas sobre ele nos últimos 25 anos.

O que propomos neste breve livro é de natureza totalmente diferente. Trata-se de pensar “com” esse texto, por meio dele, por entalhe e extração, sobre questões que lhe são caras: a questão da linguagem e da crítica da ontologia na sua relação constituinte e sexuada com a escrita, para Barbara Cassin, e a questão das difíceis relações entre psicanálise e filosofia, para Alain Badiou.

Em ambos os textos, como veremos, trata-se de uma relação de três termos: linguagem, sexo e fixação em um; verdade, sexo e saber no outro.

Nesses dois estudos, ou leituras, ou penetrações, feitos por uma mulher num caso e por um homem no outro (observação importante), a questão central é mesmo o saber, considerado por uma a partir de sua relação íntima com as coisas da língua e, por outro, a partir do que a filosofia pretende poder dizer no tocante à verdade.

De tal modo que, a respeito de “O aturdito” de Lacan, da teoria moderna da sexuação e dos paradoxos da linguagem e do inconsciente, o filósofo poderá dizer, em todo caso, que assistimos a uma nova confrontação, ou a uma nova partição, entre a masculinidade de Platão e a feminilidade da sofística.

ALAIN BADIOU E BARBARA CASSIN